

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 1 — VOL. III.

Sabbado 8 de Janeiro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Introdução — Historia da actualidade — Santa Maria de Belem — Os mundos infinitamente pequenos — Os camacans ou mongoyos — O mar Morto — Navegação do rio Amor — Memorias do coração, continuação — As amazonas do rei de Siam — Confidencias femininas, conclusão.
GRAVURAS: — Jumna-Mosjed, em Delhi — Indios camacans ou mongoyos — Mar Morto — Parte do cruzeiro da igreja de Santa Maria de Belem.

Introdução.

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA vae entrar no terceiro anno da sua publicação. Ter-se-ha desempenhado com honra, no caminho andado, do encargo, que tomou sobre seus hombros? Terá cumprido cabalmente o seu programma? Terá agradado aos seus leitores?

Estas tres perguntas, a que daremos em resposta o que a consciencia nos dicta, constituem outros tantos pontos essencialissimos na vida dos jornaes. N'esses pontos se resumem a historia e a sentença do seu passado, e n'elles se revela a sorte prospera ou adversa do seu futuro. E todavia quer o nosso amor pela verdade, que ponhamos um — não — adiante de cada uma das duas primeiras perguntas.

Entretanto, dil-o-hemos tambem com a mesma sinceridade e franqueza, não é por falta de desejos e esforços da nossa parte, que este jornal não tem tido todo o desinvolvimento de que era susceptivel, e de que tanto carece.

Quando emprehendemos esta publicação, tomámos por norma e fim o modelar o nosso jornal por essas bellas Illustrações estrangeiras, imitando-lhes a forma, procurando imital-as na substancia, seguindo-as nos seus passos, já firmes e seguros, diligenciando com empenho e ardor acompa-

nhal-as nos seus progressos e aperfeiçoamentos.

Encetámos, pois, os nossos trabalhos animados de muitas esperanças; mas em breve veio mostrar-nos a experiencia, que não bastavam os nossos bons desejos e esforços para conseguir o fim a que nos propunhamos. A pratica e o tempo, rasgando o veo das nossas illusões, fez-nos ver que não só faltavam em Portugal muitas condições, as principaes, que nos outros paizes animam, protegem, e engrandecem as letras e as artes; mas até que todas, ou quasi todas as circumstancias, de que pode depender a prosperidade d'ellas, lhes são n'esta terra indifferentes ou contrarias, e mais contrarias que indifferentes.

O atraso de algumas artes; a carencia ou o pequeno numero de artistas habéis; a impossibili-

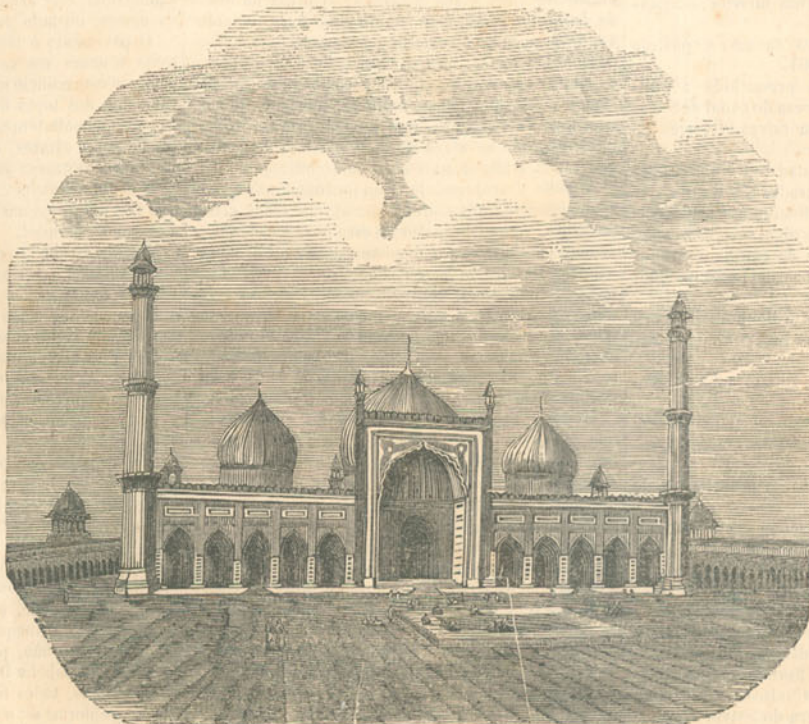
dade de recompensar condignamente o merito distincto; o favor concedido pela lei a umas industrias em prejuizo de outras; a falta de gosto pela leitura nas terras do interior do reino, e nos dois grandes focos de população e civilisação, Lisboa e Porto, a concorrência dos jornaes illustrados estrangeiros, principalmente francezes, nítidos, formosos, bem escriptos, ornados de excellentes gravuras, e sobre tudo baratos, porque para tudo isto lhes offerece favoravel ensejo e amplo auxilio a sua immensa extracção; são as principaes causas dos estorvos que se oppõem n'este paiz aos progressos da litteratura em geral, e que mais particularmente entorpecem e amesquinham os jornaes litterarios, esterilizando os meios de todo o esforço, tendente a dar-lhe vida e vigor.

As causas de difficuldades secundarias são muitas mais, e apesar de secundarias, não deixam pela sua multiplicidade de ser importantes, e de cercar de graves embaraços a semelhantes empresas.

Todas estas razões, que apontamos em glóbo, ou diremos melhor, de que simplesmente apontamos os topicos, e que são exactissimas, expomol-as aqui como desculpa franca e verdadeira de não ter este jornal desempenhado a sua missão, como cumpria para honra sua e do paiz, e para nossa satisfação e interesse.

Parece-nos, contudo, que alguma coisa o temos ultimamente melhorado; ponco em relação aos nossos desejos, e ao muito que elle demanda; mas bastante relativamente ás difficuldades com que temos luctado.

Continuando com esta publicação não nos empenhamos em novas promessas. Porém esta mesma exposição dos nossos planos e desejos, esta leal confissão de nossas faltas invo-



Jumna-Mosjed, em Delhi.

luntarias, e finalmente a razoavel apreciação dos nossos proprios interesses, devem servir como de penhor aos nossos assignantes de que havemos de diligenciar com o maior empenho ir melhorando este jornal, quanto nos fór possível.

Relativamente á terceira pergunta, — se terá agradado aos seus leitores — não poderemos bem responder. Mas julgamos que, mau grado das nossas diligencias, não podemos lisonjear-nos de havermos conseguido tão importante fim, pois que, por melhor que fóra esta producção litteraria e artistica, seria mui difficil, senão impossivel, agradecer a todos. Entretanto, sendo os paladares tão diversos como os individuos, poromos todo o nosso cuidado e desvelo em tornal-a interessante e variada para que possa captivar a benevolencia do maior numero.

Confiamos, apesar de todas as contrariedades, em que a ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA não hade desmerecer n'este novo anno no favor do publico, antes o verá augmentar-se como uma merecida corôa de improbos trabalhos e penosos sacrificios, e como uma condição indispensavel do seu futuro melhoramento.

Oxalá, que a estampa de Portugal com que se estreia este terceiro volume, seja de tão feliz presagio para a ILLUSTRACÃO, quanto o foi para este paiz o successo com que tambem se estreou o reinado de D. Manuel, e que deu origem ao monumento, que a dita estampa representa.

Historia da actualidade.

Sollicitou-se, e consta que foi concedido, um concerto em beneficio das victimas do terremoto de Setubal, nos salões da academia real dos professores de musica.

Falleceu o digno par visconde de Chancelleiros, que deixa de si memoria honrada no serviço do paiz.

Egualmente falleceu, na idade de oitenta e sete annos, o senhor Joaquim Gregorio Rato, que era talvez o decano dos antigos pintores do palacio da Ajuda.

Entre as diversas embarcações que se construíram este anno nos arsenaes de Napoles, conta-se um navio a helice, artilhado com oitenta peças.

As chuvas tem caído incessantemente em Roma por quarenta dias e noites successivas. O Tibre saiu do leito e inundou dois bairros. A agua chegou na cidade á altura de um metro e cem centimetros.

Em Londres já se trata de uma exposiçào universal para o anno de 1861.

Annuncia-se que está preenchida a subscripção das acções para a empresa do canal de Suez.

Os inglezes alcançaram novas victorias no reino de Oude.

Organisou-se em Cronstad um club marítimo sob os auspícios do imperador da Russia.

Corre noticia de que finalmente está decidida a grande demanda que Portugal sustentava com a Hespanha, sobre a herança da rainha a senhora D. Carlota Joaquina. Cabe a cada herdeiro quatrocentos contos de réis.

Sua magestade a rainha a Senhora D. Estephania, e as Senhoras infantas foram visitar o antigo mosteiro de Olivellas.

A imperatriz viuva da Russia acha-se gravemente enferma.

Em Londres tem-se procedido a prisões em individuos pertencentes a sociedades secretas, accusados de conspiraçào.

Corre noticia em Cantão do fallecimento do imperador da China.

Acha-se em Lisboa o conde de Vitzthum, plenipotenciario pelo rei da Saxonia para a negociaçào espousal de sua alteza a Senhora infanta D. Maria Anna com o principe Jorge.

O beneficio que houve no café-concerto, a favor dos infelizes habitantes de Setubal, em a noite de 24, esteve concorridissimo. Assistiu sua magestade el-rei o Senhor D. Fernando. Uma peça que se cantou intitulada o *Cantico do Natal* foi muito applaudida. A musica era do estylo sacro, e o acompanhamento a harmonium. Rendeu o beneficio, segundo nos dizem, 700,5000 réis.

Falleceu em Londres a senhora condessa de Lavradio, esposa do senhor conde do mesmo titulo, nosso embaixador n'aquella côrte.

O rendimento em toda a linha do caminho de ferro de leste, no mez de Novembro, foi de réis 7:363,5000. Houve portanto diminuicão de réis 1:147,5000 do precedente mez de Outubro.

Está quasi concluida a ponte em Santa Apollonia, destinada para o embarque e desembarque de mercadorias, e tambem de passageiros, pois se vae estabelecer uma carreira fluvial a vapor para o dito sitio.

O Vesúvio, segundo noticiam de Napoles, está em erupção. Os lados da montanha abrem-se em todas as direções, e na parte inferior ha multidão de crateras a lançarem fogo consecutivamente.

Constantinopola acha-se já ligada a Gallipoli por um cabo submarino.

As inundações interromperam as communicações telegraphicas em Andrinopoli.

O rei Othon assistiu á submersão do cabo submarino no Pireo.

Suas magestades e os Senhores infantes D. Luiz e D. João partiram esta semana para uma caçada na lezíria do Ribatejo.

Diz-se que está finalmente assignado o contracto do caminho de ferro entre o governo e sir Morton Peto.

A emancipação das mulheres é já facto na Dinamarca. Na eleição que n'este paiz teve lugar no dia 4 do passado quatro cidadães exerceram pela primeira vez este direito. Tanto ali como na Suecia trata-se da formação de um congresso para regular e sancionar esta nova reforma.

A grã-duqueza da Russia, irmã do actual imperador, chegou a Roma no dia 12 do passado.

Nos fins de Setembro foi lançada ao mar em Nova York a nova fragata russa *General Anirald*, na presença de cincoenta mil espectadores.

Falleceu a senhora baroneza da Regaleira.

Santa Maria de Belem.

O sumptuoso templo, dedicado a Santa Maria de Belem, que se ergue á beira do Tejo como para falar aos estrangeiros, que demandam Lisboa, das nossas antigas glórias e passadas grandezas, é um monumento, que bem se pode dizer, que pertence á historia geral das nações civilisadas.

Fundado no proprio sitio, onde Vasco da Gama embarcou para a sua audaciosa empresa no dia 8 de Julho de 1497, este templo e mosteiro foram levantados para commemorar o grandioso feito do descobrimento da carreira da India. Se exceptuarmos os monumentos consagrados á commemoração dos santos mysterios da nossa religião, não ha entre nós, nem fora de Portugal, sem duvida, um outro monumento, que se ufane de mais gloriosa origem, e que tenha maior e mais elevada significação.

Aquelle descobrimento, franqueando á navegação a immensidade dos mares, que até ali todos criam povoados, não só dos naturaes escolhos, mas tambem de monstros horribes, e de phantasmas ameaçadoras; pondo a Europa em livre contacto com a Asia; dilatando o commercio, engrandecendo-o, regularisando-o, assentando-o em bases inteiramente novas, solidas, e creadoras; offerecendo aos diversos ramos da industria novos elementos, e dando-lhes poderoso estimulo; aquelle descobrimento foi a pedra fundamental da moderna civilisação.

Os mosteiros de Alcobaca e de Santa Cruz dizem, que os nossos antepassados, com o heroico esforço do seu braço, e com sua inabalavel constancia, conseguiram resgatar este solo da nossa patria do poder agareno, e fundar nos campos de Ourique a monarchia portugueza.

O templo da Batalha diz, que os portuguezes souberam defender a sua independencia, vencendo em Aljubarrota os leões de Castella, e firmar a liberdade dos seus foros elegendo em Coimbra o rei, que os devia governar.

O palacio de Mafra diz que fomos muito ricos, e que florescemos e brilhámos durante um longo reinado pelas riquezas, que as minas do Brazil entornavam nos cofres de D. João v.

Porém o templo de Santa Maria de Belem diz muito mais do que tudo isto. Naquellas paginas de mar-

more, aonde o cinzel escreveu tantos e tão lindos pensamentos de religião e poesia, lê-se em caracteres indeleveis a verdade incontestavel de que houve uma epoca em que Portugal caminhou na vanguarda das nações; em que foi a primeira potencia maritima do mundo; e finalmente em que prestou á humanidade um dos maiores serviços, que os proprios homens lhe tem feito.

Portanto o padrão, erguido por el-rei D. Manuel para agradecer a Deus o auspicioso successo da descoberta da India, e para o perpetuar na memoria das gerações futuras, é para o mundo o nobre e honroso marco, que assignalou o começo d'essa era de regeneração humanitaria, que, avançando e subindo sempre na escala dos aperfeiçoamentos, nos maravilha e assombra presentemente com tantos e tão prodigiosos inventos. Para Portugal é, pois, esse padrão o monumento dos monumentos, a chronica de pedra das suas mais subidas glórias.

D. Vasco da Gama, regressando da sua atrevida viagem, surgiu no Tejo no dia 29 d'Agosto de 1499 com a feliz nova da descoberta da India. No dia 25 d'Abril do anno seguinte lançou el-rei D. Manuel com toda a solemnidade a primeira pedra nos alicerces do templo de Santa Maria de Belem.

No logar, onde se edificou a nova igreja, fundara o illustre infante D. Henrique uma ermida, com a invocação de Nossa Senhora do Rastello, e junto d'ella um pequeno hospicio, para ali se recolherem e tratarem os maritimos, que voltassem enfermos das descobertas d'Africa, empresa a que o mesmo infante votara todos os seus pensamentos, cabedal, e esforços. A ermida de Nossa Senhora do Rastello foram Vasco da Gama e seus intrepidos companheiros, no dia da despedida, oavir missa e implorar o auxilio divino para a sua longa e temeraria viagem. E d'ali se embarcaram na frota, que em frente os esperava.

Junto á igreja de Santa Maria de Belem construiu-se ao mesmo tempo um magnifico mosteiro, que foi entregue aos monges de S. Jeronymo. Este esplendido monumento foi obra de diversos architectos, e progrediram os trabalhos durante tres reinados, d'el-rei D. Manuel, D. João III, e D. Sebastião, parando afinal sem que a deixassem concluida como fóra planisada em tempo do fundador.

Aguardando que a *Illustração* publique outras estampas d'este edificio, para entrarmos mais de espaço na descripção dos muitos primores, que encerra, limitar-nos-hemos agora a dar algumas noticias, que sirvam de esclarecimento á estampa, que acompanha este artigo. Representa esta o cruzeiro da igreja, do lado do Evangelho.

O pavimento é lagueado de pedras de Hollanda roxas e azues em xadrez. A abobada é uma das partes d'este edificio mais dignas de admiracão. Em cada um dos topos do cruzeiro ha uma capella, e nas paredes collateraes da capella-mór abrem-se quatro formosos altares, dois de cada lado. Num d'estes, que a estampa junta mostra, existe uma imagem de S. Jeronymo, de vulto, e feita de porcelana, que é de muito primor artistico. Foi presente do papa a el-rei D. Manuel.

Todas as capellas e portas do cruzeiro são ornadas de lindos e variados lavores, esculpidos na pedra com muita perfeição. Porém o que n'essas obras d'arte mais captiva os olhos, e prende a attenção, são os dois riquissimos pulpitos, que sobresaem nos angulos do arco cruzeiro, e um dos quaes se vê na estampa. As esculpturas, que os guaracem inteiramente, nos peitoris e nos baciaquios, ostentam uma variedade de desenhos, delicadeza, e gosto admiraveis.

Nas capellas do topo do cruzeiro estão os tumulos de varios principes. Na do lado do Evangelho, que tem cinco altares, com bons príncipes, acham-se os mausoleos do cardeal rei D. Henrique, dos infantes D. Luiz, D. Carlos, D. Fernando, D. Antonio, D. Duarte, cardeal D. Afonso, e infanta D. Maria, filhas de el-rei D. Manuel. Na capella fronteira, obstruida com um grande presepe, hoje muito damnificado, estão os tumulos dos principes D. Philippe, D. Afonso, D. Manuel, e D. João, pae d'el-rei D. Sebastião, das infantas D. Isabel e D. Brites, e infantes D. Diniz, e D. Antonio, todos filhos de D. João III. Tambem ahí jaz, conforme diz o epitaphio—*Si vera est fama*—o infeliz rei D. Sebastião, cujos ossos foram trazidos d'Africa, estando Portugal sob o governo dos Fi-

lipes de Castella. Uma sepultura rasa encerra o arcebispo de Braga, D. Duarte, filho natural de D. João III.

Este monarcha, sua mulher, a rainha D. Catharina, e o rei fundador com sua segunda mulher, a rainha D. Maria, jazem em soberbos tumulos na capella-mór.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Os mundos infinitamente pequenos.

São os mundos habitados?

A esta pergunta respondia d'Alembert, na *Encyclopaedia*: «Nada se sabe.» Fontenelle havia, porém, dito já, nos *Entretiens sur la propriété des mondes*: «Porque não?» Nós, porém, habitantes da terra, que por toda a parte vemos a vida espalhada com profusão, teríamos mais facilidade em motivar o porque os mundos são habitados, do que o porque o não são. Se a nossa intelligencia não pode induzir do que se passa aqui para o que se passa nos outros globos, privada de metade do seu poder, não pode elevar-se até comprehender qual é o seu destino, excepto o de dar vida a outros seres.

A hypothese da vida universal é portanto não só a mais racional, em nossa opinião, como também a unica possível de conceber. E como não suspeitaremos nós a existencia de habitantes nos planetas como Venus, Marte, Jupiter etc., que, só pelo aspecto que temos d'elles, offerem tantos pontos de similhaça com a terra? Como imaginaremos n'elles solidões, quando sabemos com que fecundidade a vida rebenta e se desinvolve por toda a parte onde se reúnem o ar, a agua, o calor, e a luz? Basta um raio de luz para fazer pullular seres vivos n'uma gota d'agua, e crear n'ella um mundo.

No *Quarterly Review*, sir John Herschel contava, em 1833, que muitas vezes se divertira em suspender uma gota d'agua na cabeça de um alfinete de tamanho ordinario, e collocar-a n'um pedaço de vidro obliquo, disposto n'um microscopio solar. A gota d'agua era tão pequena, que em lugar de escorregar pelo plano inclinado do vidro, se conservava na posição em que a tinha lançado. A força do instrumento multiplicava por tal modo o tamanho da gota d'agua, que parecia ter doze pés de diametro.

«Por meio de um espelho collocado a cinco pés da lente, diz o celebre astronomo, observava eu alternativamente cada uma das porções infinitamente pequenas da minha gota d'agua; assim augmentada, estava povoada ella de animalculos de muitas especies, e de todos os tamanhos, desde seis pollegadas até treze. Muitas vezes parecia a multidão tão numerosa, que era impossivel, n'esta extensão de doze pés, collocar a ponta de uma agulha n'um lugar que estivesse desoccupado. Algumas vezes não apercebia eu mais do que uma vasta toalha de pequenos animaes vivos que pareciam nascer rapidamente, uns grossos como a cabeça d'um alfinete, outros como uma lentilha, ao passo que animaes mais perfeitos, e de maiores dimensões brincavam entre os recém-nascidos. Quando os habitantes da gota d'agua se volveram mais numerosos, formaram compacta e movida massa, que me vi obrigado a liquidificar derramando sobre ella outra gota d'agua pura, para mais facilmente observar os seus movimentos. Que innumerable multidão de seres animados! Vivem de certo dos restos de outros animaes mais imperceptiveis ainda, que o proprio microscopio solar não pode fazer avultar.»

Appliquemos aos habitantes da gota d'agua de sir John Herschel as seguintes reflexões que João Bernoulli escrevia a Leibniz: «Se estes animalculos tivessem uma alma intelligente de modo que podessem raciocinar, poderiam lisonjar-se de que elles e a gota de liquido que habitavam constituem o universo. Imaginae que um pequeno grão de pimenta no qual se distingue, parallelamente por via do microscopio, mil milheiros de animalculos, tem suas partes proporcionaes em tudo ás partes do nosso mundo; quer dizer o seu sol, as suas estrellas fixas, seus planetas com os respectivos satelites, sua terra com as competentes montanhas, seus campos, florestas, rochedos, rios, lagos, ma-

res, e diversos animaes; acreditarieis vós que os habitantes d'este pequeno grão de pimenta, que aperceberiam todos os objectos sob o mesmo angulo de visão, e por tanto sob a mesma grandeza com que vemos os nossos, não pensariam que fora do seu grão nada existe, pelo mesmo direito que pensamos que o nosso mundo encerra tudo? Por quanto, pergunto-vos, qual razão ou experiencia teriam elles que persuadissem do contrario a esses pequeninos animaes de que existe outro mundo incomparavelmente maior do que o seu, com habitantes que são incomparavelmente maiores de que elles? Ora (conclue João Bernoulli) se estes *pericolos* não estão em circumstancias de saber isso, qual d'entre nós será o que saiba se to do este mundo visivel não é mais do que um pequeno grão de pimenta, em relação a outro mundo incomparavelmente maior?»

O grande geometra de Bale resumia assim a sua idea: «Julgo que podem existir em a natureza outros animaes que sejam, em grandeza, tão superiores a nós e aos nossos animaes ordinarios, como nós, e os nossos animaes ordinarios somos superiores aos animalculos microscopicos, e que nos observam no nosso mundo com os seus seus microscopios, como examinamos com os nossos essa infinita multidão de animalculos. Von mais longe, acrescenta elle, e digo que podem ainda existir animaes incomparavelmente maiores do que estes; e assento tantos graus subindo, como encontro descendo, pois não vejo motivo porque nós, e os nossos animaes, possamos constituir o grau mais elevado.»

Leibniz respondia a Bernoulli: «Não receio avançar que ha no universo animaes que são em grandeza tanto acima dos nossos, como os nossos acima dos animalculos que sómente se descobrem com a ajuda do microscopio, porque a natureza não conhece termos. Reciprocamente pode, e mesmo deve ser, que haja nos pequenos grãos de poeira, nos mais pequenos atomos, mundos que não sejam inferiores ao nosso em belleza e variedade.»

Estes grandes homens vêem pois a vida em toda a parte, e sob todas as formas; a vida d'um ser, qualquer que seja, tem por elemento as innumeráveis vidas da multidão de seres inferiores que entram na sua composição. Aos seus olhos, tudo, desde o systema solar completo, até ao mais imperceptivel grão de poeira, forma um mundo particular, habitado por myriades de seres proporcionaes á sua extensão. Não ha no universo mundo tão pequeno que se não componha d'uma multidão de mundos mais pequenos ainda; reciprocamente, não ha mundo tamanho que não seja, por assim dizer, um atomo em relação á immensa extensão do mundo superior na composição do qual entra.

Estas ideas, ás quaes a sciencia não reconhece base alguma, estão abandonadas hoje; mas apesar de serem phantasticas, nem por isso deixam de apavorar a imaginação fazendo-lhe encarar os abismos do infinito.

Inventou-se um systema que bem se coaduna com o de Bernoulli e de Leibniz: é o que pretende que cada molecula do corpo humano forma um mundo de pequenos animaes com individualidade propria, e que innumera multidão d'estes pequenos mundos, adheridos uns aos outros, forma segundo a sua disposição, já um membro, já uma viscera, ou um órgão qualquer, os quaes, a seu turno, são mundos mais extensos; e que estas partes, pela sua aproximação, formam o homem, que é o universo de todos estes mundos, e que lhe estabelece os limites.

Não concederemos a qualquer d'estes diversos systemas mais valor do que em si tem; só acrescentaremos que se se acha n'uma simples gota d'agua um mundo de animaes vivos, mr. Ehrenberg, de Berlin, achou n'uma pollegada cubica de *tripoli* de Belin um mundo fossil, composto de quarenta milhoes de infusorios silicosos.

Mr. Ehrenberg vae ainda mais adiante: na sua obra *sobre os infusorios*, publicada em 1838, parece adoptar, ao menos para esta especie de animaes microscopicos, o systema dos mundos emitido por Bernoulli e Leibniz; de cada infusorio, qualquer que seja, faz o centro de um pequeno mundo: «A vida, diz elle, está espalhada na natureza com tal profusão, que os pequenos infusorios vivem como parasitas sobre outros infusorios

maiores, e os pequenos infusorios mesmo servem a seu turno de habitação a outros infusorios ainda mais pequenos.»

Se a natureza se mostra tão prodiga de vida para collocar n'um mundo de uma pollegada de extensão em toda a sua superficie, quarenta milhoes de existencias (mais do que homens e animaes existem na terra), achal-a-hiamos bem inconsequente se ella despresasse por habitantes nos planetas taes como Jupiter e Saturno, que parecem além d'isso reunir todas as condições indispensaveis á vida, quando o primeiro apresenta um volume mil quatrocentas e quatorze vezes, e o segundo setecentas e trinta e cinco vezes maior do que o volume do nosso globo.

Os camacans ou mongoyos.

UMA TERRIVEL VINGANÇA.

Esta tribu de indios do Brazil, que habitam o sertão da provincia de Minas Geraes, tem na sua historia um facto muito similhante ao que ahiquillou no Egypto a poderosa e guerreira tribu dos mamelucos.

Em tempos já remotos, um d'esses aventureiros portuguezes, que deixavam a patria para ir procurar fortuna no Brazil mais por meio das armas que da industria, juntando-se a varios outros companheiros, todos de resolução e bem armados, foram-se entranhando pelo sertão d'aquella bella provincia, sem duvida em busca d'alguma d'essas ricas minas, que lhe deram o nome.

Depois de longas excursões, ou por cansados da vida errante, ou por agradados do paiz, decidiram estabelecer-se ahi, e para esse fim construíram um arraiyal bem fortificado, e dentro fundaram uma pequena povoação, que denominaram a Conquista.

Não obteve a nova colonia a posse pacifica d'aquelles terrenos, pois que lh'os disputaram em longa e porfiosa guerra os indios camacans, ou mongoyos, como lhe chamam no Brazil. As armas e todas as outras vantagens da civilisação europea davam aos poucos portuguezes tamanha superioridade sobre os indigenas, que estes se convenceram afinal de que apesar do seu numero não eram capazes de vencer os seus valentes inimigos.

N'estas circumstancias facilitou-se um accordo, e contractaram a paz, começando desde então a haver entre uns e outros alguma convivencia, e até uma especie de commercio. Passados tempos desapareceu um portuguez, e a esta desercão succederam-se outras com pequenos intervallos.

O chefe da Conquista principiou a inquietar-se seriamente com estes acontecimentos, e muito mais por não lhes descobrir a origem, não vendo nos seus signal algum de descontentamento, nem se atrevendo a desconfiar dos indios, que lhe davam todos os dias novas provas de benevolencia e lealdade.

Um dia veiu ao arraiyal um mongoyo, e convidando um portuguez para irem caçar a certo bosque proximo d'ahi, partiram ambos na melhor harmonia; porém apenas entraram na floresta, arremette o selvagem contra o seu companheiro, qual tygre, que se lança de improviso sobre a sua victima desaparecida. Quiz a boa fortuna do portuguez, que por sua muita força, destreza, e presença de animo, conseguisse livrar-se do seu traicoeiro aggressor.

Voltando ao arraiyal, e contado o caso, não se duvidou ahi mais da sorte dos infelizes companheiros, que uns apoz outros tinham desaparecido. A indignação foi muito grande com similhante descoberta, e o chefe jurou vingar-se da perfidia dos indios. A sua vingança foi horrivel.

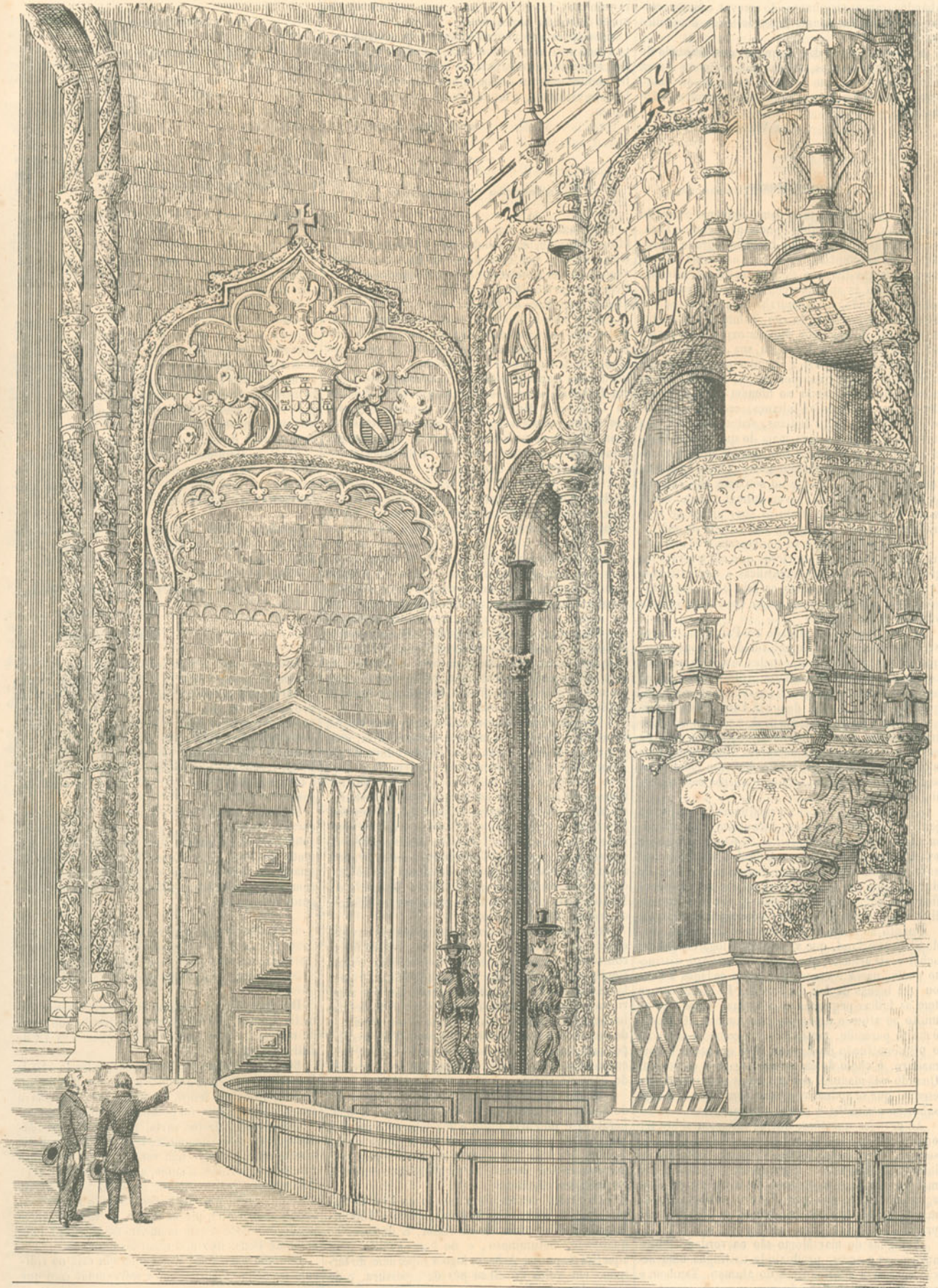
Dispoz no arraiyal uma grande festa, cujos preparativos levaram alguns dias, e convidou os mongoyos para tomarem parte na funcção. Os selvagens não se fizeram rogar, nem esperar. Excitada a sua curiosidade pelos aprestes, que com tanta antecedencia viam fazer; aguilhoada tambem a sua gula por muitos manjares d'antemão preparados, e postos em exposição já com o intuito de servirem como de isca, que os atrahisse; acudiram á festa em grande chusma. No meio, porém, do banquete, cairam sobre elles os portuguezes com tal acerto, e com tão violento impeto, que a maior parte dos indios ali ficou sem vida.



Indios camacans ou mongoyos.



Mar Morto.



Parte do cruzeiro da igreja de Santa Maria de Belém.

Os que puderam escapar de tão crua carnificina abandonaram as visinhanças do arrayal, e foram acotiar-se e viver em densas florestas longe d'aquelles sitios.

A nova povoação da Conquista, desafiada de seus perigos visinhos, se bem que por meio d'uma não menos revoltante perfidia, viveu desde então tranquilla, e no regaço da paz desinvolveu-se e medrou.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O mar Morto.

O lago Asphaltico, mais communmente chamado mar Morto, e pelos arabes denominado *Bahar-Loth*, tem dado assumpto para a historia sagrada e profana, para as sciencias, e até para os contos de prodigiosas maravilhas, e de extravagantes fabulas.

Foi junto ás suas margens, que as criminosas cidades de Sodoma e Gomorra foram abrasadas e destruidas pelos fogos do ceo. Também ahi se eleva o monte Nebo, onde Moysés expirou, e ahi dizem que se acha o lugar da sua sepultura. Atribuem-se ás suas aguas a singular propriedade de fazer sobrenadar qualquer corpo, que n'ellas se lance, não consentindo ao homem mergulhar-se. Diz-se que nas suas visinhanças crescem umas celebres arvores, cujos fructos, seductores pela sua formosura, não contem mais do que cinzas. Conta-se que da superficie d'este mar se elevam vapores empestados, que matam todas as aves, que tentam atravessal-o; e que no seu seio não existem peixes, nem pode ahi viver animal algum. Affirmam os arabes, que junto ás suas praias se vê a mulher de Loth convertida em estatua de sal.

Iriamos muito longe se houvessemos de mencionar todos os factos historicos, que ali tiveram lugar, todas as questões scientificas a que este mar tem dado origem, e todas as fabulas, e superstições, que a fecunda imaginação dos arabes tem inventado a seu respeito.

O mar Morto está situado na Palestina, e provém-lhe este nome da immobilidade das suas aguas, que só nas grandes tempestades se agitam um pouco, conservando-se de resto sempre tranquillas, como as do mais pequeno lago. E todavia conta vinte leguas de comprimento, do norte a sul, e dez de largura. Tem a forma um tanto oval, e cercam-no quasi inteiramente duas montanhas, separadas uma da outra por uma extensa campina. Alimentam-no, e n'elle veem morrer os rios Jordão, tão celebre na sagrada escriptura, o Arnon, e outros sete menos importantes.

Atravez das narrações maravilhosas de certos viajantes, algumas noticias se encontram, que actualmente se tem por verdadeiras. Se não inteiramente exacto, que todos os corpos lançados n'aquelle mar sobrenadem, sem poderem mergulhar, é fora de duvida, que um homem pode sustentar-se na superficie das aguas sem fazer esforço. Poderá mergulhar um pouco o corpo, mas não profundar muito.

Quanto ao singular fructo cheio de cinzas, mr. de Châteaubriand, que visitou estes logares, julgou achal-o. «O arbusto, que o cria, escreve este distincto poeta, nasce e cresce por todos os lados a duas ou tres leguas da foz do Jordão. E' espinhoso, e tem as folhas pequenas e delgadas. Assimilha-se muito ao arbusto descrito por Amman. O fructo é muito parecido, tanto na forma como na cor, com o pequeno limão do Egypto. Em quanto não está maduro, é cheio de um sumo salgado e corrosivo. Quando está maduro, contém umas sementes de cor escura, que se podem comparar com cinzas, e cujo sabor se assimilha a pimenta amarga.»

As grandes questões, que se agitaram sobre ter ou não peixes, acham-se hoje resolvidas, pois que se sabe, que possui algumas especies, posto que de individuos pequenos, e pouco numerosos, e que mal servem para o sustento do homem pelo desagradavel gosto, que tem. Encerra também alguns mariscos, de que se encontram as conchas nas praias.

As aguas do mar Morto são na verdade muito amargosas e acres, produzindo na lingua uma acção corrosiva semelhante á do alumen. Também é salgada, tanto ou mais do que os outros mares.

As rochas e terrenos das cercanias são quasi inteiramente cobertos de uma crusta esbranquiçada muito parecida com a geadas.

Até ao presente poucos viajantes tem dado volta a todo este mar, o que é muito difficil por causa das superstições dos guias, e muito perigoso pelos frequentes assaltos dos beduinios, que atacam e roubam os viajantes, e muitas vezes também os assassina.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Navegação do rio Amor.

Como tudo que respeita hoje á China tem bastante interesse, e é sabido que a Russia e a America ingleza, por esta parte da Russia asiatica, vão invadindo aquelle imperio, aqui pomos uma noticia que fará conhecida do leitor esta região. E' extraída do *Ecco do Pacifico*:

«... Os americanos, com esse espirito empreendedor que os caracteriza, quizeram ser dos primeiros a aproveitar-se dos mercados que estes paizes podem offerecer ao commercio. Tem já ahi um consul que chegou á embocadura do rio Amor em Julho do anno passado. E' um velho cidadão da California. Mc. Collins, de Sonora; é consul dos Estados-Unidos na costa oriental da Russia na Asia. Dirigiu-se ao seu posto por S. Petersburgo, atravessando o interior da Asia, e da Siberia.

«Eis o itinerario que seguiu:

«A 450 verstes, a leste, das aguas navegaveis do lago Baikal, da parte ávante dos montes Gobolny, e quasi a 400 verstes, norte, da junção da Mongolia, embarcou-se n'uma barca de dois remos e vela, na ribeira Ingoda, no ponto onde ella começa a ser navegavel, e desceu até á sua junção com o Shilka, que seguiu até o ponto de reunião com o Argoon. Estas duas ribeiras ficam situadas quasi a 4000 verstes do ponto onde embarcou em o rio Amor, ou o Sagahlien do Manchoux. Descendo este Mississipi do norte, mr. Collins visitou a grande cidade do Manchoux, por nome Igoon; foi recebido com uma pompa barbara pelo governador do paiz, n'um pavilhão á margem do rio, mas não teve permisso de entrar na cidade. Por fim conseguiu-o, illudindo a vigilancia da policia.

«Depois de mr. Collins assim fazer uma viagem de 4000 verstes por agua, em sessenta dias, chegou ao porto russo situado na embocadura do rio Amor. Ahi passou o inverno, e parte da primavera em explorações pela Siberia, percorrendo immensos paizes. Desde que partiu de S. Petersburgo até ao fim da sua viagem, andara 16000 verstes. Mr. Collins é, segundo se afirma, o primeiro americano que atravessou a Asia de oeste a este—do oceano ao oceano—è o primeiro homem branco, afora os russos, que passou os montes Gobolny, e portanto o primeiro que visitou a Mongolia e o Montchouri, e que explorou estes paizes desde o centro da Asia até ao mar.

«O governo russo tem empregados na navegação do rio Amor dois pequenos vapores de ferro, construidos por sua conta em Philadelphia. Foram conduzidos para aqui em porções separadas, e montados mesmo no rio, durante o inverno, por americanos. Na primavera, quando o rio ficou desembaraçado dos gelos, principiaram o seu serviço, e desempenharam-no admiravelmente. Tem de subir pelo rio Amor até á distancia de 2200 milhas. Dois engenheiros americanos servem n'elles por conta do governo russo.

«A navegação principia n'este rio em o 1.º de Junho, e acaba no 1.º de Novembro. A temperatura é mui fria junto á foz; durante um mez conserva-se ahi o termometro trinta graus abaixo de zero. O paiz fica coberto de neve e gelo pelo decurso de seis mezes. As viagens fazem-se então em trenós e rhennes.

«Os russos descobriram carvão na ilha de Sagahlien, no golpho da Tartaria, quasi a 150 milhas da embocadura do rio Amor. E' de superior qualidade, betuminosa, e de bom auxilio para aquelles vapores. Acha-se logo á superficie do terreno, em veios de cinco pés de espessura, e de oito a dez pés de largura.»

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação. *

III

Porque motivo, pensava mezes depois Eduardo, pretendemos nós achar no peito de uma mulher o amor, sem lhe termos plantado no coração sentimento algum que lhe dê origem? Para que temos nós a vaidade de querer que nasça do nada um sentimento, que deve acompanhar-nos em toda a vida?

Vejam os pois: a ausencia traz a saudade; a saudade pode trazer o amor. Maria não era minha amiga? não me disse algumas vezes que o era? Não foi d'essa amizade que nasceu aquelle sentimento que depois me confessor? E que é feito hoje d'esse sentimento que esta carta me revela!

Eduardo, abrindo um cofre, procurou-a.

«Minha Elisa. — Remetto o Judeu Errante que muito e muito te agradeço, e de que muito gostei apesar de acabar, como tudo acaba n'este mundo, com a morte dos bons e dos maus; assim mesmo as mortes não foram tão más como eu receiava; principalmente a do principe Djalma e de Adriana... essas não deixam nada a desejar! Creio até que muita gente quereria depressa a morte se tivesse a certeza de morrer assim. Não achas?...

Hontem saí e encontrei muitas pessoas do Judeu Errante a passearem pelas ruas; voltei no omnibus, e, por desgraça minha, sentada ao lado do Rodin! que susto, querida!

«Pois eu digo-te que mentiram; a nossa morte hade ser celeste!... inebriante... porque o veneno é lento... e... eu adoro-te, meu Djalma!

«Uma nuvem obscureceu tudo!...

«Mas o peor é não se irem todos assim! Basta.»

Tua muito amiga

MARIA DE CASTRO.

Eduardo repetiu o periodo que vinha em letra italica. E o amor que já n'aquelle tempo votava a Maria fel-o acreditar que tinha sido escripto de proposito para elle. Esta carta, cruelmente amarrada e rasgada, dava a entender que não tinha caído nas mãos d'Eduardo sem uma pequena luta com a pessoa a quem era dirigida. E de facto: Elisa, posto que amiceissima d'Eduardo, não tinha a fraqueza de lhe mostrar as cartas das suas amigas.

Não era, porém, esta a carta que Eduardo procurava. Remexeu todas; e, para mais facilmente a achar, abriu um *album* onde havia o indice completo dos seus dias afortunados. Uma pagina tinha de um lado um ramo secco de alecrim do Norte com a epigraphe «despedida para Cintra» e em seguida esta quadra:

«Embora! que importa saudoso suspiro,

Que a brisa traidora te fôr revelar?

A alma que sopra no berço de Cintra

Por Deus inspirada não pode accorlar!»

Do outro lado da pagina estava uma pobre camelia branca, perfeitamente espalmada, no meio de muitas datas, a principal das quaes era 12 de Julho de 52.

Eduardo procurou a immediata; e lendo «10 de Maio de 54», tornou a cobrir a camelia com o canto cortado de um lenço, em que estava bordada a inicial do seu nome, foi procurar no cofre, e achou.

«Obrigada pela tua carta, porque, *desgraçadamente*, confesso-te que me fez bem! Se desejas noticias minhas, porque não vens aqui um momento á noite, como vinhas d'antes, acompanhando Elisa? Não posso acreditar no que me dizes! mas apesar de tudo, sinto que desejarei bastante illudir-me, acreditando! Oh! que fiz eu!... Terei de arrepende-me cedo d'este momento de loucura? Pelo amor de Deus, não m'o recordes nunca!»

Eduardo estava só; ninguém o viu cair no ridiculo de beijar a carta com a sofreguidão com que

Do num. 51.

uma creança gulosa lambe o papel do rebuçado.

—Oh! murmurou elle, não é isto uma confissão, uma confissão quasi espontanea? e como succede que depois de tão bem fundadas esperanças, Maria retire o sentimento a que, depois, chamou o seu primeiro e ultimo amor? Illusão! O amor é uma palavra. Procuremos esquecê-la.

No dia seguinte Eduardo embarcava n'um barco a vapor inglez — o Bahiana, que em breve o conduziu longe de Lisboa.

IV

Succede-nos todos os dias queremos esquecer uma coisa que a idéa obstinada nos reproduz a cada momento. Eduardo intentou esquecer Maria. Cansado de luctar com as proprias idéas, recebeu perder o juizo, porque se convenceu de que para esquecer-lhe completamente ser-lhe-hia necessario completa derrota das idéas. Cedeu. Escreveu-lhe, lá d'esse longe onde existia, uma carta, que, temendo dirigir-lhe a directamente, incluiu n'outra á sua amiga Elisa.

A commissão era delicada; Elisa desempenhou-a com bastante naturalidade.

Subiu ao quarto de Maria, e annunciou-lhe em duas palavras o objecto da sua visita. Era noite: ardia uma vela sobre a jardineira. Maria respondeu-lhe que estranhava muito o procedimento de Eduardo, e que de modo algum podia honrar semelhante confiança, lendo a carta que lhe fôra dirigida.

— Então que lhe havemos de fazer?

— Queimal-a!

— Queima-a; ahí a tens.

Maria vacillou; e voltando-se para Elisa, accrescentou quasi supplicante.

— Só te peço o favor de queimal-a pelas tuas mãos.

— Queimarei.

E n'um momento a carta incendiada elevou-se ao ar, girou, e caiu reduzida a cinzas.

Um anno depois voltou Eduardo. Vinha aparentemente mudado. Não fallou de Maria a Elisa, nem mesmo pensara em ir comprimentar sua familia, se a conveniencia social lhe não tivera exigido o cumprimento d'essa visita.

A recepção foi o que geralmente se faz no centro da mediania social ao homem que volta, pobre, de uma longa viagem.

Maria fallou-lhe como se falla a um João Fernandes que foi viajar; ao que Eduardo correspondeu tratando-a como se trata uma mulher que não sabe o que diz, e muito menos o que hade dizer. Fallou-lhe em theatros sem descer á analyse das peças; em bailes, perguntando-lhe se tinha tomado muitos sorvetes; e em passeios, se tinha pasciado muito.

Oito dias depois, Elisa chegava-se a Eduardo sorrindo-se e murmurando:

— Bem mal mereces o amor d'aquella mulher.

Eduardo não comprehendeu, e perguntou:

— Porque?

— Porque, tornou Elisa, devias ter perdoado! ... no fim de tudo, não foi ella que queimou a carta. Maria não tem feito mais do que, á força de razão, pretender olvidar um sentimento que toda a sua familia condemna, e que não pode trazer-lhe senão desgostos! E de que modo lhe fallaste? ... pobre Maria... encarregou-me de te dizer que o seu coração ainda era teu.

Eduardo se não enloqueceu, pouco lhe faltou. N'esse dia bebeu cognac e leu repetidas vezes as cartas que ainda conservava de Maria. Uma houve que leu de modo tal, que devia realmente assustar o espirito de quem o tivesse visto n'aquelle momento.

Era uma em que Maria lhe contava a historia do seu amor, datando-a de uma epoca fabulosa! Em que lhe revelava quanto soffrera na primeira ausencia de quinze dias que Eduardo lhe fizera; e no jubilo do primeiro momento em que o tornara a ver! Mas, accrescentava Maria, que triste presagio! era uma noite de lucto! Eu estava vestida de preto, como tu, que vinhas dar os pesames á familia S... Digo triste presagio, porque ao ver-te senti elevar-se pela primeira vez a voz do meu coração, proclamando triumphante, a despeito da razão, o amor verdadeiro que tanto o enobrecia!

Eduardo acabou de despejar a garrafa, e caiu atordado sobre o leito.

— Será, porém, amor verdadeiro, pensava elle no dia seguinte, o sentimento em que a razão tanto impera? Porque havemos muitas vezes condemnar por lexiano e louco o sentimento que é, em toda a escala das commoções humanas, o primeiro? Oh! bem hajaz tu, que tão bello sol espalhas na minha existencia!

E seguiu-se outra epoca de felicidade. Foi curta. Insinuou-se no espirito de Maria uma nova amiga.

Violante, ligada a uma familia distincta, de que todavia não tinha directa origem, typo francez, adquirido sem duvida no collegio em que fôra educada em Paris; formosa, sentimental e risonha, chorando e rindo, fugindo de todos e procurando todos; era a comedia-drama viva e incarnada debaixo de formas seductoras que prendiam, mais do que o seu verdadeiro sentimento, a attenção do espectador. Esta mulher que se apresentava inculcando, em mil excentricidades, o seu proximo casamento, como por exemplo na medalha do retrato, no cordão de cabelo, no anel tambem de cabelo preso por uma corrente de ouro a uma pulseira igualmente de cabelo; radiante de prazer, veiu, na existencia de Maria, como o sol repentino n'um dia triste de inverno! Uma mulher que ama, facilmente sympathisa com outra que está em vespasas de casar.

Violante, chegando a Lisboa, e achando alguma opposição, em casa, ás visitas do noivo; não lhe convindo conceder-lhe ausencias, tratou de procurar na visinhança um ponto neutro onde as entrevistas podessem effectuar-se. Para esse fim, era-lhe necessario relacionar-se, adquirir uma amisade, inspirar confiança, e tudo isso Violante realisou, declarando a Maria de Castro a sympathia que lhe inspirava.

Violante caiu no centro d'aquella familia n'um dia felicissimo. Não houve quem deixasse de obsequiar; e a sinceridade de todos os bons corações que a cercavam viu em Violante uma victima de opposições injustas.

Mas em breve as amigas de Maria, desde que Violante começou a frequentar-a com pertinaz amisade, principiam a resentir-se da mudança que, a seu respeito, parecia operar-se no coração, nos modos, e nos costumes de Maria.

Parecia que Violante, ciosa d'aquelle coração onde entrara, pretendia despojar-o de todas as affeições antigas que lá encontrava. E tanto esta nova e interessante amiga tinha zelos da sua conquista, que nem respeitou o santuario onde existia a imagem d'Eduardo!

A falta d'algumas cartas, e a frieza d'outras, mostraram a Eduardo o perigo que o ameaçava. Uma noite foi-lhe revelado um dialogo escutado entre as duas amigas, em que Violante, sem de modo algum offender o caracter d'Eduardo, pintava com tão vivas cores a Maria o quadro de um amor luctando contra a necessidade, que por força o espirito d'esta, um pouco agitado pela opposição do destino, havia de acabar por vencer-se do ridiculo com que Violante sabia cobrir esse amor, aliás profundo e verdadeiro!

Ao ridiculo nada resiste! Eduardo recebeu em breve intimação absoluta de pôr termo áquella segunda epoca de felicidade. Mas o destino em breve tambem o vingou!

Chegou-lhe a noticia de que estava definitivamente desmanchado o casamento de Violante.

Eduardo foi n'essa noite contemplar Violante. Ainda algumas noites antes tudo n'aquella casa respirava Violante. Todos amavam o que ella amava, todos odiavam o que ella aborrecia! Ainda algumas noites antes, era Violante quem fazia as delicias do crepusculo, sentada aos pés da sua amiga, dedilhando mollemente uma harpa, cujos sons ternos e maviosos lhe acompanhavam a voz debil, engraçada e repassada de sentimento, entoando canções do Coimbra compostas por algum estudante enamorado.

Ainda algumas noites antes, Eduardo, ouvindo-a, tinha-se deixado impressionar, votando-lhe uma amisade sincera.

Eduardo appareceu. O silencio era profundo na sala; e Violante, desprovida já do retrato, do cordão e do anel da correntinha presa á pulseira,

estava muito risonha, conversando a meia voz com a sua amiga.

— Oh! murmurou Eduardo. Aquella mulher não amava! ia casar-se por interesse!

E olhando para Violante, elle, que desejava vingar-se, achou que não lhe merecia a importancia d'essa vingança!

Uma mulher que ama não se ri no dia seguinte ao de ter desmanchado o casamento. O coração tambem toma lucto pelos sentimentos que expiram. Continua.

— ALFREDO HOGAN.

As amazonas do rei de Siam.

Entre os corpos que constituem o estado militar de Siam, ha um que attrahe a attenção dos estrangeiros; e o batalhão de mulheres que forma a guarda particular do rei.

Este batalhão compõe-se de quatrocentas mulheres, escolhidas com apurado cuidado entre as raparigas mais bellas e robustas do paiz.

Tem bom soldo, e são muito bem disciplinadas. Admittidas a serviço na idade de quinze annos, entram na reserva aos vinte e cinco. Então deixam o serviço especial do soberano, e são empregadas, até que morrem, na guarda dos palacios reaes, e propriedades da corôa.

Quando entram no exercito fazem voto de castidade, e não podem violar esta promessa senão sendo escolhidas pelo rei para admittir no numero das suas mulheres legitimas, o que ás vezes acontece; mas então o principe, obedecendo mais á razão do que aos sentimentos, não escolhe entre as mais bellas, e sim entre as que se distinguem pela superioridade no manejo das armas, e exercicios militares. A esperanza d'esta recompensa excita grande emulação n'este batalhão, que faz admirar os europeus pela apparencia marcial, habilidade no exercicio e manobras, e magnifica disciplina.

O fardamento d'estas mulheres é mui rico. O grande uniforme é uma tunica de linho branco bordada a ouro, e de mui fino tecido, a qual desce até ao joelho; e uma couraça dourada, que protege o tronco, deixando livres os braços para o manejo das armas. Um pequeno capacete dourado cobre a cabeça das moças guerreiras. N'este uniforme, que é o das recepções officiaes, e grandes solemnidades, só tem por armas a lança, que manejam com grande destreza. No uniforme pequeno, que é muito mais simples, usam espingarda.

O batalhão comprehende quatro companhias, compostas cada uma de cem mulheres, commandadas pelo respectivo capitão, nomeado d'entre ellas. Quando esta morre, junta-se a companhia que ella commandava, e por tres dias faz exercicios militares em presença do rei, que então escolhe para a substituir aquella que mostrou mais capacidade e aptidão.

Ha sete annos que este batalhão é commandado por uma mulher, que achando-se na escolta do rei, em 1851, n'uma caçada aos tygres, salvou a vida do principe pela sua coragem e destreza. Gosa de grande credito na corte, e de muita autoridade entre as camaradas. O estado de sua casa egual a da familia real, e tem dez elephantes em seu serviço.

O rei não vae a nenhuma expedição sem ser escoltado por esta guarda, nem a caça, nem a passeio sem levar um destacamento d'ellas, que tem pela pessoa do principe extrema dedicação. Cada mulher do batalhão tem cinco negras ao seu serviço; e por isso achando-se assim desoccupada dos cuidados da casa, e da toilette, pode entregar-se exclusivamente aos trabalhos da sua profissão.

Ha junto á cidade um campo de manobras, onde cada companhia vae passar dois dias consecutivos em manobras. Fazem-se ali muitas evoluções; exercitam-se no manejo da lança, do sabre, no tiro de pistola e de espingarda. O rei assiste mensalmente a estes exercicios, acompanhado de seu irmão, que partilha com elle, dentro de certos limites, o poder soberano; e distribue premios ás que os merecem. Estes premios consistem em braceletes e joias preciosas, a que as mulheres dão grande apreço, bem como as suas familias. As que tem estes premios desempenham no batalhão funcções analogas ás dos argentarios e cabos nos exercitos europeus. Assim nada soffre a disciplina com os favores concedidos pelo rei, e entre-

tem uma preciosa emulação. Os castigos são raros ; consistem na privação do serviço por mais ou menos tempo ; não sendo comtudo mais de tres mezes. O que é mais commum são os duellos ; devem ser autorizados pela mulher que commanda o batalhão, e tem lugar sempre a arma branca, em presença da companhia a que pertencem as duas adversarias. Estes combates singulares occasionam ás vezes a morte de uma ; a que succumbiu é objecto de uma grande festa publicã. O grã-sacerdote pronuncia o seu elogio, e declara que mereceu, pela sua coragem, entrar na eterna habitação dos bemaventurados.

A que sobrevive, por uma extravagante singularidade, recebe, depois da cerimonia funebre, as felicitações das companheiras, que exaltam a sua destreza, e sangue frio ; mas, por conveniencia, é afastada por dois mezes do serviço militar, devendo entregar-se todo esse tempo exclusivamente ao jejum e orações. A boa organização d'este corpo serve de exemplo ao resto do exercito siamez, que lhe reconhece a superioridade, admira a sua coragem, e procura imital-o.

O exercito de Siam possui, segundo é opinião geral, os melhores elephantes de combate entre todas as nações do extremo Oriente. Este corpo foi organiado ha alguns annos, por um antigo official ao serviço da companhia das Indias, que muito estudara esta especialidade ; os elephantes que o compõem são da raça siameza, mais pequena que a indica, porém mais activa e vigorosa.

O numero dos elephantes de combate é de oitocentos, ameistrados em tres diferentes serviços :

1.º No transporte de materiaes ; escolhem-se para isso os mais velhos e fortes.

2.º No transporte do rei, e da sua casa militar.

3.º Nos combates.

Estes ultimos formam uma divisião de quatrocentos elephantes, manobrando perfeitamente, e parecendo comprehender bem a sua gloriosa missão. Cem pertencem a artilharia : trazem no lombo uma plataforma onde assentam os obuzes de montanha, e peças de artilharia.

Confidencias femininas

MARIA E ROSINHA.

Conclusão.

MARIA

Tem um cunho de verdade,
Revela tamanha dôr !
Falla na minha saudade.

RO SINHA

Da saudade !

MARIA

Sim, da flor.

RO SINHA

Pois então começa já.

MARIA

»Vem povoar-me a solidade
»Minha symbolica flor ;
»Chama-te o mundo saudade
»Chamo-te esperanza de amor !
»Esperança!... Desditoso!
»Sonho foi... sonho formoso
»De que triste despertei!
»Quando, ó flor, eu te contemplo,
»Cuido ver-me inda no templo
»Onde captivo fiquei.

»Ali ao ver ajoelhada
»A celestè appareição,
»Poeticamente enlevada
»Na fervorosa oração,
»Ninguem de amal-a deixara!
»Cuidei que Deus transformara
»Um dos anjos em mulher,
»E que á terra assim descia
»Para ver se conseguia
»Resgatar-me o padecer.

»A mulher, o anjo, um instante
»Em mim a vista cravou.
»Um só olhar foi bastante,
»A minh'alma transformou.
»Para os ceos o pensamento
»Elevei n'esse momento,

»E ao Senhor agradei
»O trocar-me a desventura
»N'uma angelica ternura,
»Que ajoelhada via ali.

»Foi breve a felicidade.
»Só resta d'ella esta flor,
»Que é hoje dupla saudade,
»Porque é saudade de amor.
»Se a visão passou ligeira,
»Deixou-me esta companheira
»A povoar-me a solidão.
»N'esta flor posso adoral-a ;
»Se não sei onde enconral-a,
»Vê-a aqui meu coração.»

Que te pareceu, minha Rosa ?

RO SINHA

Phrases só, que assim ligadas
Tem o seu que de harmonia...
É muita banalidade.

Estes poetas hão de sempre,
Quando fallam da saudade,
Rimal-a com soledade!
É balda certa, Maria.

MARIA

Mas não provam sentimento,
Não revelam grande dôr ?

RO SINHA

A julgar pelo que escreve
Vive em continuo tormento,
E está perdido de amor.

MARIA

Não no crês ?

RO SINHA

Não digo tanto;

Mas é melhor duvidar.
Pode ser que este poeta
Diga a verdade nos versos...
De alguns sei eu que são petas.
Vamos, enxuga o teu pranto,
Não chores, conta-me o resto.

MARIA

Que mais te posso eu contar ?
Em quanto o baile durou
Andei louca de contente.
Se durasse eternamente
Não seria mais feliz !

RO SINHA

E o nosso heroe ?

MARIA

Manifesto

O prazer lhe fulgurava
Já nos olhos, já nas phrases...
Ai! pobre do meu Luiz !

RO SINHA

Bonito nome !

MARIA

Não era ?

RO SINHA

Pode o dono ser horrendo.

MARIA

Por isso é que eu receiava
Revelar-te o meu segredo.
Se não ralhas, fazes mais
Com essa eterna ironia.
Julgas a todos eguaes !...
Parece que nunca amaste,
Ou então que nunca achaste
Senão monstros e algozes !

RO SINHA

Não tenho razão de queixa...
Porque nunca exprimentei.

MARIA

Devéras ?

RO SINHA

Sim. Nunca amei.

Não quero dizer com isto,
Que me julgue inconquistavel...
Não de certo. Mas os homens,
Que até aqui tenho visto,
Todos me acham muito amavel,
E julgam que me captivam
Com banaes adorações.
Rio d'elles, acho-os parvos,
Nenhum pode associar-se
As sonhadas ambições
Da minh'alma extravagante.

MARIA

Pois nenhum ?

RO SINHA

Posso jurar-t'ò.

Pelo menos os que eu vejo
A fallar em scepticismo,
Ou na busca impertinente,
Já nas salas, já na rua,
D'uma alma toda innocente,
Que saiba entender a sua.

MARIA

Mas nem todos são assim.

RO SINHA

Outro genero tem outros,
E esses são mais perigosos.
Tem por fora desinteresse,
E tem por dentro egoismo.
Alguns ha com pretenções.
De modernos Antonyms,
Que em desalinho estudado
Se apresentam nos salões,
E a todo o instante repetem,
E a toda e qualquer senhora :

— «Não posso já ser feliz,
Tenho morto o coração !»

Servem-me estes de entremez.
Bem vês, taes caricaturas
Nem sequer inspiram tedio,
Quanto mais uma paixão.

O que eu sonho, o que eu desejo
Não é mytho ; mas é raro,

MARIA

E se nunca o encontrares
Nunca amarás ?

RO SINHA

É claro.

MARIA

Que tristezas antevejo
No correr da tua vida !...

RO SINHA

Deixa-te d'isso, querida,
Estás triste por amares,
Eu contente sem amar...
A proposito, e o romance,
O teu romance, Maria,
Não vem de certo a acabar
No tal baile.

MARIA

Pois acaba.

RO SINHA

Como assim !... Cedo esqueceu,
O constante namorado,
Todo o amor que te jurara...

MARIA

Não no crimines, menina.

RO SINHA

Porque o defendes, Maria ?

MARIA

Porque é justo que ao finado
Defenda a que tanto amara.

RO SINHA

Que dizes, que estás dizendo ?

MARIA

A fatal epidemia
A existencia lhe cortou.
Comprehendes a tristeza
Em que me vês ? Estas lagrimas
Serão justas ?

RO SINHA

São de certo.

Pobre irmã !... Oh ! chora, chora.
Junto do meu coração,
O teu de lucto coberto
Só no pranto é que minora
Tão funda e tão justa dôr.

MARIA

Com tal perda o meu amor,
Parece que inda augmentou,
Amava-o tanto... e morreu !
Fiquei só !...

RO SINHA

Ingrata ! E eu ?

Não tens tu os meus extremos,
Toda a ternura dos teus ?
Se eu nem elles te bastamos,
Lembre-te ao menos... que ha Deus !